

VIII-016 - EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO FORMAL – DIFICULDADES E DESAFIOS

Elizângela Alves Lubarino⁽¹⁾

Bióloga pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Gestão Ambiental pela Faculdade de Tecnologia e Ciências de Feira de Santana (FTC). Especialista em Ciências da Natureza (Biologia, Matemática e suas Tecnologias) pela Universidade de Brasília (UNB). Especialista em Biologia Celular (UEFS), Mestranda em Engenharia Civil e Ambiental pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

Ana Karine Ribeiro Ferreira

Bióloga pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Ciências da Natureza (Biologia, Matemática e suas Tecnologias) pela Universidade de Brasília (UNB). Professora da Rede Estadual de Ensino. SEC – Bahia.

Endereço⁽¹⁾: Rua Paulo Afonso, 541 – Jardim Cruzeiro – Feira de Santana - BA - CEP: 44024-336 - Brasil - Tel: (75) 3624-3410- e-mail: eliz_alves2003@yahoo.com.br

RESUMO

Entre os profissionais da área de educação é notória a compreensão de que para se trabalhar a dimensão ambiental, seja no âmbito formal ou não-formal, é indispensável à prática interdisciplinar, que tem como característica fundamental a intencionalidade, ou seja, ela não ocorre ao acaso. De maneira que, esse novo exercício demanda duas ações: o querer conhecer e o querer agir. O que possibilita que a Educação Ambiental, na prática e para a prática, seja efetivada.

Diante de uma realidade tão instigante, esta pesquisa teve por finalidade investigar quais as dificuldades e desafios da inserção da Educação Ambiental (EA) no Ensino Formal. E buscar compreender se a EA vem sendo realizada de forma interdisciplinar conforme preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Nessa considerou-se a percepção de professores e alunos, onde foi empreendida uma análise do modo como a EA está sendo contemplada no Ensino Formal. O instrumento de coleta de dados utilizado foi à entrevista, organizado, para investigar as formas de abordagens utilizadas pelos professores em suas aulas no propósito de inserir a EA, e o questionário para confirmação dessas abordagens e identificação das percepções que os alunos têm relacionadas à dimensão ambiental na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental, Percepção Ambiental, Ensino Formal, Currículo.

INTRODUÇÃO

Para se trabalhar a dimensão ambiental, seja no âmbito formal ou não-formal, é indispensável à prática interdisciplinar. Essa compreensão é conhecida entre os profissionais da área de educação que reconhecem que a Educação Ambiental (EA) não ocorre ao acaso, e sim com intencionalidade. De maneira que, esse novo exercício demanda duas ações: o querer conhecer e o querer agir. Desse modo, permite que a EA seja efetivada na prática e para a prática.

Nesse sentido, devemos repensar a atuação profissional, estabelecendo novos olhares para o nosso cotidiano, compreendendo que o processo educativo deva nos possibilitar promoção de mudanças e alterações no quadro de degradação do ambiente com o qual nos deparamos.

É certo que para inserirmos a dimensão ambiental no contexto escolar necessitamos de uma trilogia constituída pela visão holística, pelo enfoque sistêmico e pelo tratamento interdisciplinar. Por essa razão, compreende-se que, na sala de aula uma atitude interdisciplinar por parte do docente é indispensável. Postura que requer, no mínimo, as ações citadas anteriormente: o querer conhecer e o querer agir interdisciplinarmente. No entanto, ao vincular o modelo pedagógico disciplinar já existente, com a nova organização de conhecimento deve haver intenção, organização e disposição, uma vez que a interdisciplinaridade não ocorre na base do improvisado.

É nessa perspectiva que uma atitude aberta, de escuta, disposição para atuar em equipes diversificadas com ação compartilhada, ajuda a mudar o cotidiano escolar. Sendo assim, o educador deve desejar sempre saber mais, mas sem a pretensão de saber tudo. Não se trata da extinção do conhecimento disciplinar, mas sim da

articulação de conhecimentos diversos, objetivando a compreensão de realidades complexas que incluem os problemas ambientais causados pelo modelo de desenvolvimento vigente.

Por conseguinte, uma mudança de paradigma se faz necessária, uma vez que a natureza deve ser vista como um organismo vivo, sustentada por redes e teias que se inter-relacionam, estando o homem interconectado a elas. Então, um novo modo de pensar foi concebido para que se pudesse enfrentar de forma satisfatória, os problemas contemporâneos. Além do que é necessário assumir o desafio de propor uma Educação Ambiental (EA) contextualizada, desfragmentada, ética e política, capaz de melhorar a qualidade de vida e qualidade ambiental da coletividade, garantindo a sustentabilidade do planeta. Nessa perspectiva, a cooperação entre disciplinas, garante novas leituras do real, reestrutura o conhecimento, re-significando o cotidiano escolar.

MATERIAIS E MÉTODOS

Pautado numa abordagem qualitativa do objeto de estudo e caracterizada como um estudo de campo, a pesquisa teve como a cidade de Feira de Santana como cenário, segundo município do Estado da Bahia, que se configura como um entroncamento rodoviário (entre as vias BR 116 e BR 324) e centro comercial de influência significativa no cenário regional, apresentando uma estimativa populacional superior a 550 mil habitantes.

Como ambiente empírico elegeu-se uma Escola de grande porte da rede oficial de ensino. A instituição comporta Educação Básica, contemplando Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Marcadamente vinculada à história da educação pública no município. A referida Escola abriga uma comunidade constituída por cerca de 200 professores e funcionários, além de cerca de 5.000 estudantes. Dentro dessa comunidade os sujeitos do estudo que compunham a amostra: quinze (15) professores das diversas áreas do conhecimento (vale ressaltar que os referidos sujeitos foram identificados, ao longo do estudo, com codinomes alusivos a estações do ano, como forma de assegurar a preservação da identidade dos mesmos), e sessenta (60) estudantes (15 do 1º ano diurno, 15 do 1º noturno, 15 do 3º ano diurno e 15 do 3º noturno).

A realização desse estudo se deu no período de setembro a novembro de 2007, no próprio ambiente escolar. E para a coleta, optou-se pelos seguintes instrumentos: entrevistas semi-estruturadas para professores, e questionários para estudantes.

A partir da leitura e análise dos dados, procedeu-se uma sistematização contemplando as unidades temáticas identificadas no conteúdo dos discursos manifestos, que objetivou traduzir as convergências e divergências demonstradas pelos depoimentos dos professores em contraponto às respostas dos estudantes nos questionários. A partir desse processo, procurou-se retratar os resultados em gráficos, utilizando-se para tanto do software Excel.

RESULTADOS

Os dados coletados com os professores revelaram a inexistência de uma preocupação em inserir a EA no currículo do Ensino Formal, o que aponta para o caráter pontual e de improviso atribuído a ela.

“Na área não houve a preocupação do tema para a formação do currículo das disciplinas, após a greve a área já acenou com questões relacionadas à EA.”
Professora Verão.

Questionados a respeito da finalidade da EA, a maioria dos professores defendeu a idéia de que ela tem a função de preservar o meio ambiente, o que foi reafirmado pelos alunos:

“Tentar conscientizar as pessoas para não causar tantos danos ao meio ambiente”.
Professora Inverno.

Para a maioria dos alunos informantes, a EA significa preservar o ambiente com responsabilidade e sempre pensando no futuro.

Na visão daqueles sujeitos, a compreensão de ambiente ainda está atrelada a sinônimo de natureza. Tal visão sugere uma intervenção, dando lugar a uma concepção crítica que incorpore elementos culturais e a preocupação social à visão ambiental (MINNINI-MEDINA, 2001).

Dentre os entrevistados destaca-se a fala da Professora Verão, que acredita:

[...] “a EA tem como finalidade trazer para o espaço escolar as diversas discussões sobre o meio ambiente que vão desde a formação da visão ambiental de alunos e professores até seus posicionamentos como sujeitos do espaço Terra, compromisso de uso e preservação de recursos naturais.”

Os resultados da análise dos dados quanto à abordagem utilizada para trabalhar a dimensão ambiental no contexto escolar, revelaram a utilização de atividades que demonstram a ausência de planejamento conjunto, além da recorrência de práticas educativas pontuais baseadas no improviso. Tal noção pode ser confirmada pelas informações obtidas a partir dos estudantes (Figura 01):

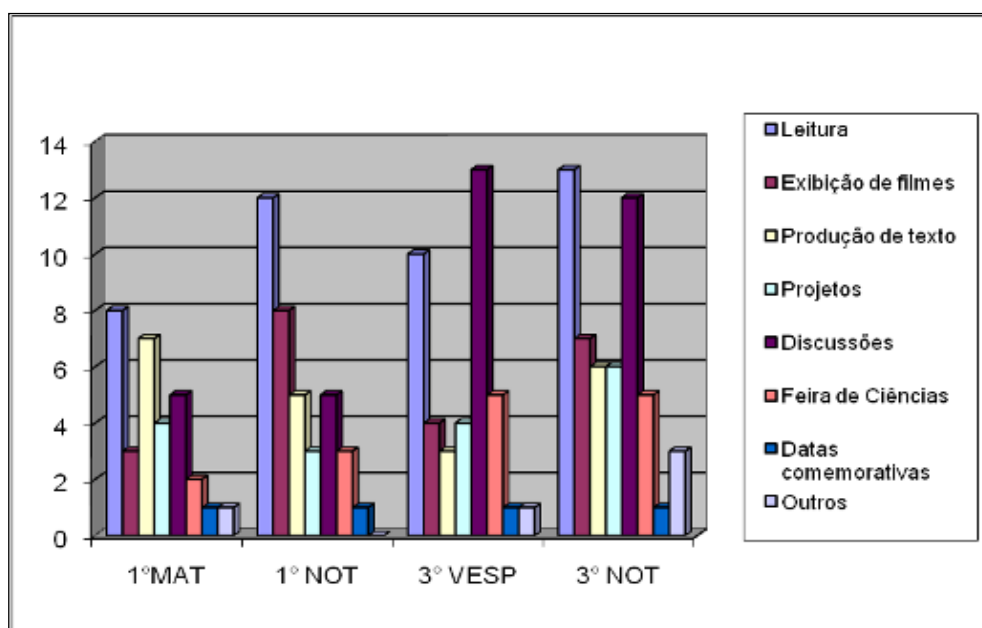


Figura 01 - Meios de abordagem da EA realizadas pelos professores, segundo percepção dos alunos.

Os dados coletados indicam que as questões ambientais são inseridas a partir dos conteúdos das disciplinas, ou seja, a EA que acontece na escola não atende ao que é preconizado nos PCNs (BRASIL, 1999).

No início do ano letivo trabalhei com poemas, dramatizações, paródias e músicas referentes ao meio ambiente, seguindo orientações da Campanha da Fraternidade 2007(Tema Amazônia).

[...] “Quando ensinei funções químicas trabalhei aquecimento global e o objetivo foi o de sensibilizar os alunos da importância da preservação ambiental e a influencia dos efeitos na nossa região”. Professora Primavera.

As maiores dificuldades identificadas quanto à inserção de EA Ensino Formal, de maneira interdisciplinar, denota a ausência de uma cultura de planejamento coletivo que possibilita romper com as barreiras do isolamento.

A pesquisa também constatou a disseminação, na Escola, de uma visão errônea de que questões ambientais devem ser discutidas e resolvidas apenas pelas Ciências Naturais. Tal visão foi confirmada pelos estudantes que atribuem à responsabilidade da abordagem ambiental, às disciplinas de Química, Biologia e Geografia (Figura 02).

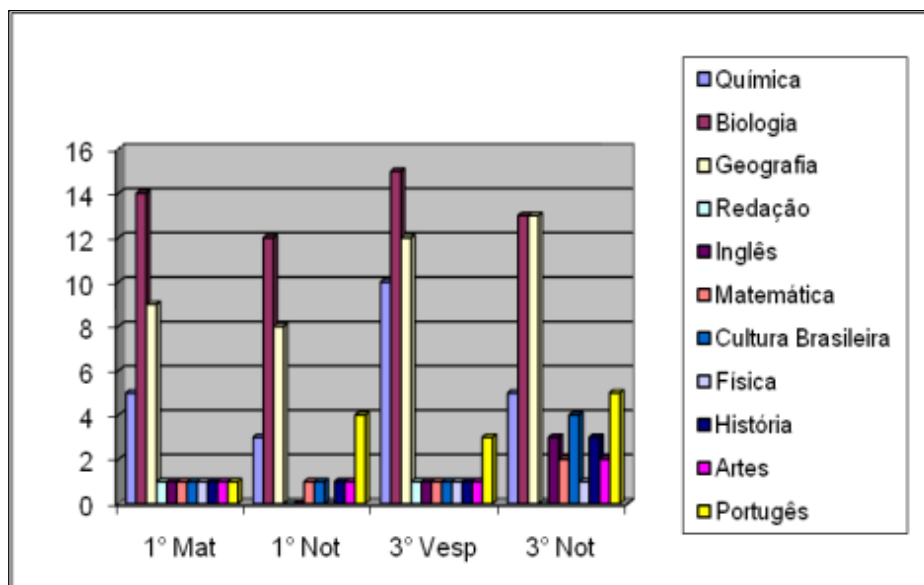


Figura 02 - Disciplinas que abordam EA, segundo percepção dos alunos.

Um fato significativo verificado a partir da análise dos dados empiricamente coletados foi à percepção dos estudantes em relação a temas ligados à EA. Essa constatação foi possível a partir das seguintes unidades temáticas: palavras (Figura 03), imagens (Figura 04) e problemas ((Figura 05) que remetem à EA, onde se notou a prevalência de palavras relacionadas à visão ecológica que os alunos têm em relação à EA.

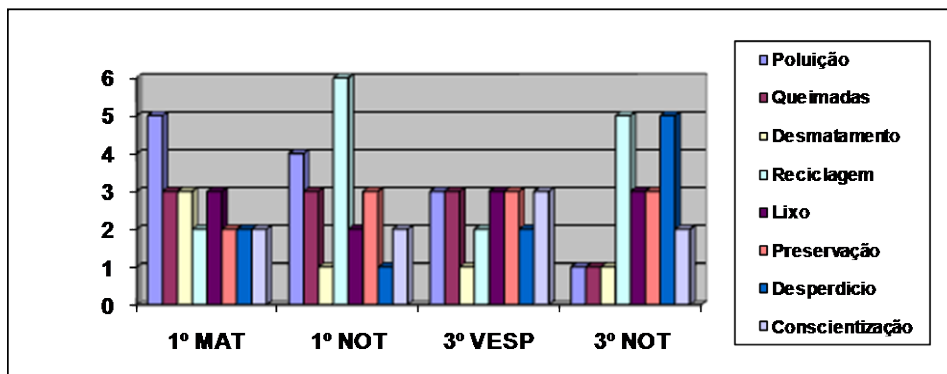


Figura 03 - Percepção dos estudantes: palavras que me fazem lembrar EA

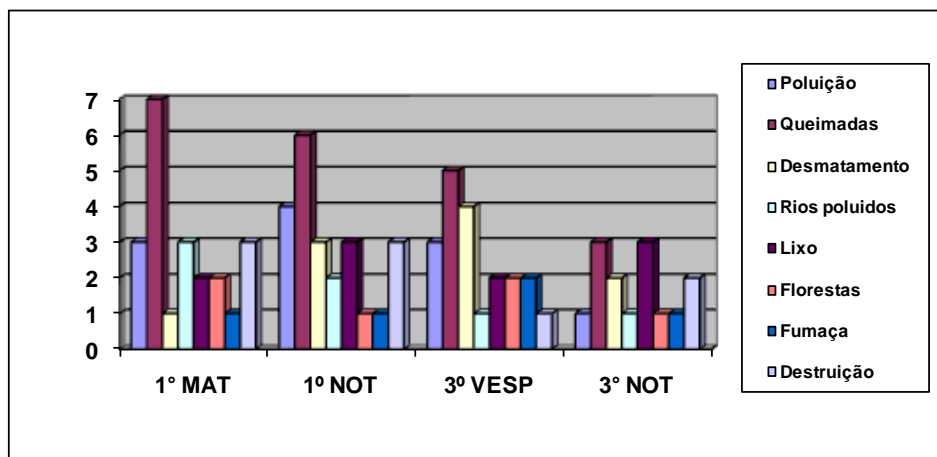


Figura 04 - Percepção dos estudantes: imagens que me fazem lembrar EA

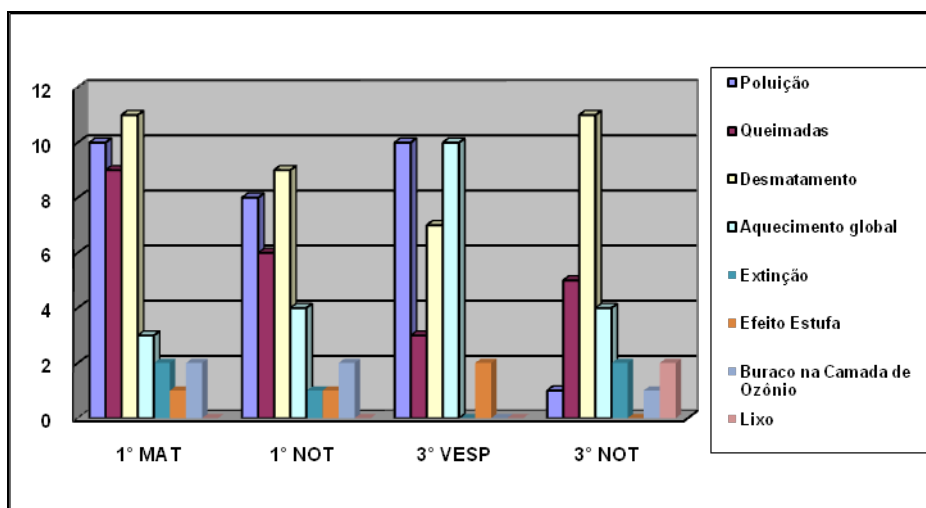


Figura 05 - Percepção dos estudantes: problemas ambientais que me fazem lembrar EA

No entanto, a EA não deve ser percebida apenas sob os aspectos ecológicos, ela deve ser inserida no currículo escolar de maneira que permita ao aluno compreender as várias inter-relações existentes em um ambiente e a inter-conectividade do homem a essas. Portanto, no currículo escolar a cooperação entre disciplinas deve possibilitar novas leituras da realidade, reestruturar o conhecimento para promover mudanças até mesmo na forma de perceber os problemas ambientais locais e ter condições de buscar soluções exequíveis.

Neste sentido, Leff (2001) acredita que o grande desafio da prática interdisciplinar é o trabalho de construção de espaços do saber, que aglutinem outras concepções originárias das diversas áreas do conhecimento que embasem uma nova forma de ver o ambiente.

A partir da análise das figuras abaixo pode-se notar convergência nas respostas dos alunos, tanto do diurno quanto do noturno, que apontaram carteiras quebradas, lixo na sala de aula e pátio escolar como problemas que ocorrem ou sempre ocorrem no contexto em que estão inseridos. Outros problemas também foram apontados tais como: poluição sonora, desperdício de papel e água, a violência e evasão escolar.

Abordou-se a presença de questões ambientais na escola, com a aplicação dos questionários aos alunos. Nas respostas os mesmos enfatizaram os problemas vivenciados por eles. Sendo assim, nas figuras 06 e 07 tem-se a percepção dos alunos do 1º ano diurno e noturno do ensino médio respectivamente.

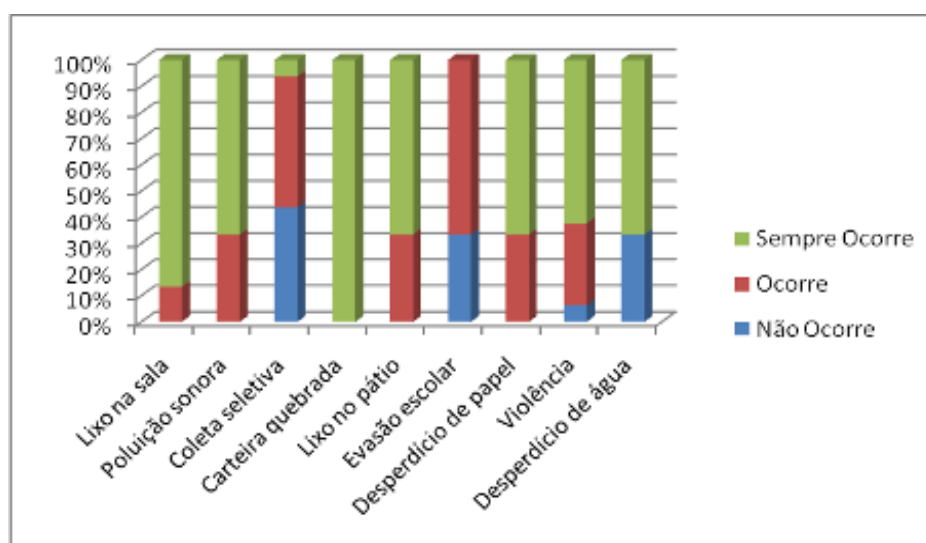


Figura 06 - Situações presentes no ambiente escolar: percepção dos alunos do 1º ano matutino.

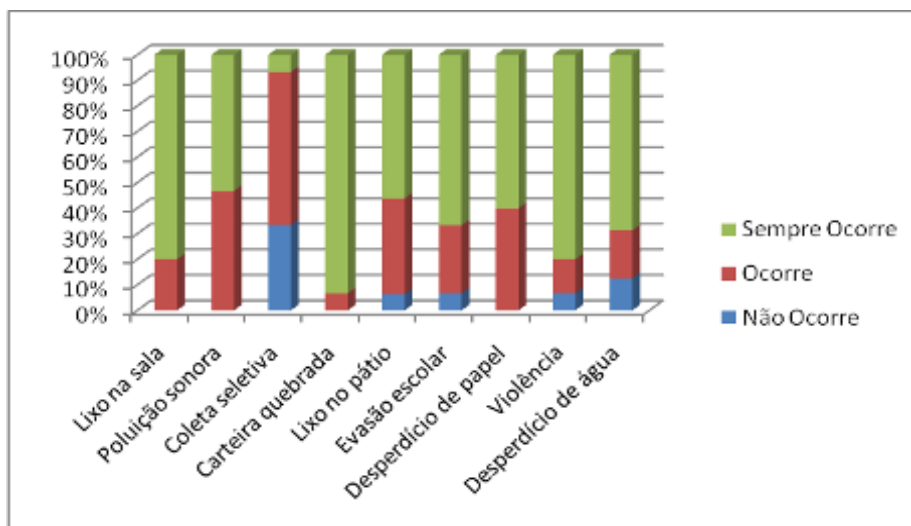


Figura 07- Situações presentes no ambiente escolar: percepção dos alunos do 1º ano noturno.

Enquanto que nas figuras 08 e 09 tem-se a percepção dos alunos do 3º ano diurno e noturno do ensino médio respectivamente.

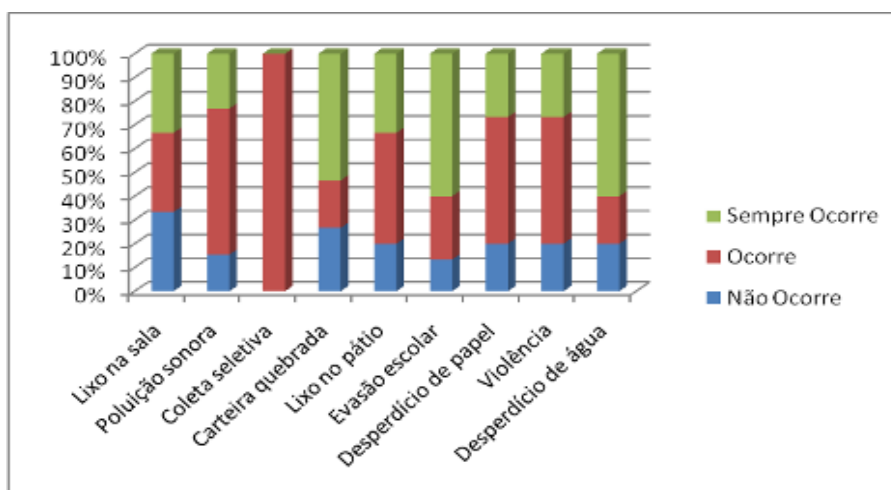


Figura 08 - Situações presentes no ambiente escolar: percepção dos alunos do 3º ano vespertino

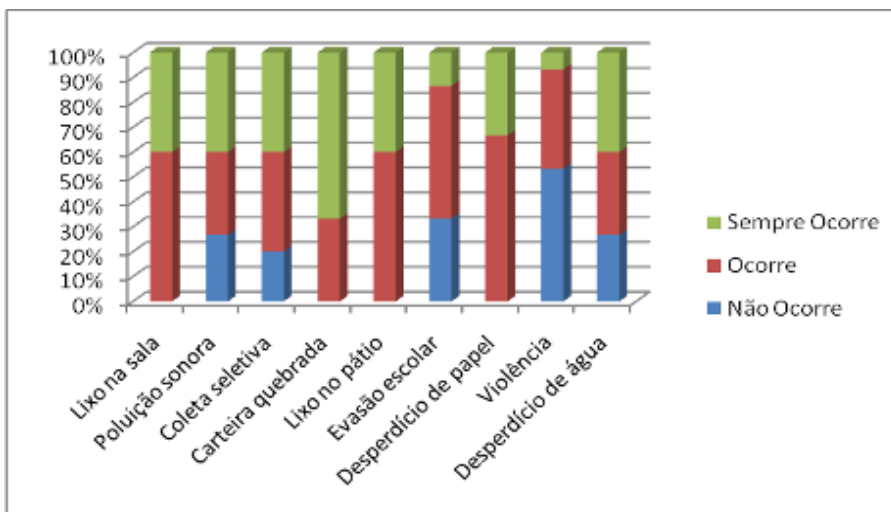


Figura 09 - Situações presentes no ambiente escolar: percepção dos alunos do 3º ano noturno.

A figura 10 registra e retrata a realidade de um dos problemas vivenciados nessa unidade escolar, bem conhecida e relatada por parte da comunidade que a compõe.



Figura 10 - Carteiras quebradas, um dos problemas ambientais mais apontados pelos alunos.

Diante do exposto é possível constatar que a inserção da Educação Ambiental no Ensino Formal é revestida de uma variedade de obstáculos, desde equívocos na concepção do que venha a ser meio ambiente, até a não disponibilidade de participação no processo coletivo de planejamento didático das atividades curriculares, além da ausência de uma abordagem sócio-ambiental no Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola.

CONCLUSÕES

Inicialmente é preciso perceber que nenhum conhecimento é concebido como definitivo, do que decorre nossa compreensão que estas considerações são revestidas de um caráter provisório.

Perpassando todo desenvolvimento do estudo foi possível identificar como limitação a manifestada pelos professores em tratar da EA como prática transversal, uma vez que ele desenvolve resistência para abordar a questão, atribuindo tal reação à dificuldade que tais iniciativas suscitam.

Conseqüentemente ao investigar as dificuldades e os desafios referentes à inserção da EA no currículo escolar a partir da análise das entrevistas dos professores e dos questionários aplicados aos alunos do 1ª e 3ª séries do Ensino Médio, o estudo se deparou com um quadro que demonstrou como a EA vem sendo inserida, sem estar em consonância com as diferentes realidades.

Em seus relatos, os professores explicitaram que estão trabalhando abordagens que muitas vezes só enfatizam o ponto de vista ecológico, o que revela o caráter reducionista. As orientações dos PCNs, bem como a literatura consultada, apontam o tratamento interdisciplinar como o mais adequado para se trabalhar com EA no âmbito escolar.

Sendo assim, a realidade investigada indicou que a EA vem sendo inserida no ensino formal, com práticas pedagógicas adotadas que ainda fogem a essa orientação. Portanto, o professor precisa considerar além dos elementos naturais, aqueles criados pelo homem como os elementos sociais, políticos, culturais, econômicos, e re-significar o que seus alunos vão estudar agrupando a esses conteúdos representativos da região, da realidade em que a escola está inserida.

Dentre as várias dificuldades apontadas, a que mais chamou a atenção foi a que denuncia a falta de articulação e da cultura de planejamento anual coletivo. Desse modo ou o professor se isola em sua área, ou solitário, em sua disciplina, planeja seu programa curricular. Portanto, o maior desafio relatado por esse foi o de sistematizar tal articulação e praticar o que foi sistematizado interdisciplinarmente. Outras dificuldades menores, que tiveram sua contribuição, foram também citadas, tais como: a falta ou inadequação dos materiais didáticos e paradidáticos; o difícil acesso a formação continuada, seja pela

falta de tempo, devido a sucessivas jornadas de trabalhos para melhoria do salário, seja por comodismo; e a rejeição por parte dos colegas, entre outros.

Diante do exposto, não restam dúvidas de que qualquer iniciativa de alteração do currículo escolar, sempre vai sofrer resistência, sobretudo por mobilizar construções cristalizadas ao longo da trajetória que o sujeito edificou. Também é assim em relação à inserção da EA, mesmo que se perceba a necessidade de adoção de outras práticas educativas que substituam os modelos tão amplamente condenados.

Perante essas constatações, acredita-se que para a realização de um trabalho consistente numa instituição de ensino, o rumo a ser dado é construir uma proposta de Educação Sócio-Ambiental crítica e emancipatória. Partindo em primeiro plano, para a construção de Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola, para depois viabilizar a reformulação do seu currículo e ampliar o aporte pedagógico. Deste modo será possível falar criticamente de realidade, intervindo nela de modo comprometido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL. MEC. Secretaria de Ensino Médio e Tecnológico. Parâmetros Curriculares Nacionais, 1999.
2. LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade poder. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes 2001.
3. MININNI-MEDINA, N.. A educação ambiental na educação formal In: Educação ambiental: curso básico à distância: educação e educação ambiental I. Brasília: MMA, 2001.